UFSM

InterAção



ISSN 2357-7975
ACESSO ABERTO

IA., Santa Maria, v. 17, n. 3, e99832, p. 1-9, 2026 • https://dx.doi.org/10.5902/2357797599832
Submissão: 16/11/2026 • Aprovação: 16/11/2026 • Publicação: 23/11/2026

Resenhas

As lições da tragédia: história, prudência e ordem internacional

The Lessons of Tragedy: Statecraft and World Order

Gabriela Graef[I]
José Renato Ferraz da Silveira[I]

[I]Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Resenha do livro

BRANDS, Hal; EDEL, Charles. **The Lessons of Tragedy**: Statecraft and World Order. New Haven: Yale University Press, 2019.

RESUMO

Esta resenha crítica examina a obra The Lessons of Tragedy: Statecraft and World Order (2019), de Hal Brands e Charles Edel, destacando suas contribuições para a compreensão das relações entre experiência histórica, prudência estratégica e preservação da ordem internacional. Os autores recuperam a tradição da tragédia grega para demonstrar como a memória das catástrofes pode orientar decisões políticas e contribuir para a prevenção de conflitos. A análise aborda a recorrência histórica dos colapsos internacionais, a construção da ordem liderada pelos Estados Unidos após 1945 e os desafios contemporâneos associados à competição entre grandes potências. A resenha reconhece a relevância da sensibilidade trágica como instrumento de reflexão sobre os limites da ação política, mas problematiza a centralidade da perspectiva norte-americana, as assimetrias de poder e as implicações dessa abordagem para os países do Sul Global. Conclui-se que a obra oferece uma contribuição significativa aos estudos de Relações Internacionais, História e Estudos Estratégicos, ao demonstrar que a estabilidade internacional depende de escolhas políticas, compromissos institucionais e permanente consciência dos riscos históricos.

Palavras-chave: Tragédia política; Ordem internacional; Prudência estratégica; História das Relações Internacionais; Hegemonia norte-americana

Artigo publicado por InterAção sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

ABSTRACT

This critical book review examines The Lessons of Tragedy: Statecraft and World Order (2019), by Hal Brands and Charles Edel, highlighting its contributions to understanding the relationships between historical experience, strategic prudence, and the preservation of international order. Drawing on the tradition of Greek tragedy, the authors demonstrate how the memory of historical catastrophes can inform political decision-making and contribute to conflict prevention. The analysis addresses the recurring collapse of international orders, the construction of the U.S.-led international order after 1945, and contemporary challenges associated with great-power competition. While acknowledging the relevance of tragic sensibility as an analytical framework for understanding the limits of political action, the review critically examines the predominance of the American perspective, international power asymmetries, and the implications of this approach for countries in the Global South. It concludes that the book makes a significant contribution to International Relations, History, and Strategic Studies by demonstrating that international stability depends on political choices, institutional commitments, and sustained awareness of historical risks.

Keywords: Political tragedy; International order; Strategic prudence; History of International Relations; U.S. hegemony

RESENHA

Publicado em 2019 pela Yale University Press, The Lessons of Tragedy: Statecraft and World Order, de Hal Brands e Charles Edel, constitui uma contribuição relevante ao debate sobre a relação entre experiência histórica, prudência estratégica e preservação da ordem internacional. Historiadores com trajetórias académicas e experiência na formulação de políticas públicas, os autores procuram demonstrar que a compreensão da tragédia permanece indispensável ao exercício da política de Estado e à manutenção da estabilidade internacional.

Hal Brands é professor da Johns Hopkins School of Advanced International Studies (SAIS) e atuou no planejamento estratégico do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Charles Edel, por sua vez, integrou a equipe de Planejamento de Políticas do Departamento de Estado norte-americano entre 2015 e 2017. Essa combinação de experiência académica e atuação governamental contribui para conferir à obra uma orientação simultaneamente histórica, teórica e estratégica.

A tese central do livro sustenta que a compreensão da tragédia permanece indispensável à condução da política de Estado e à preservação da ordem mundial (Brands; Edel, 2019, p. 3). Para fundamentá-la, os autores percorrem aproximadamente 2.500 anos de história, desde a Atenas clássica até os dilemas estratégicos enfrentados pelos Estados Unidos no século XXI.

A obra está organizada em uma introdução e sete capítulos, articulados em três movimentos principais: a fundamentação conceitual da tragédia, a análise histórica dos colapsos e das reconstruções da ordem internacional e a reflexão sobre os desafios contemporâneos da política mundial.

No primeiro capítulo, Brands e Edel recuperam a experiência da Atenas do século V a.C., quando a tragédia constituía não apenas uma manifestação artística, mas também um instrumento de educação cívica. Representadas diante de milhares de cidadãos, as peças trágicas estimulavam a reflexão sobre os limites da ação humana, os perigos da arrogância e as consequências das decisões políticas.

Os autores distinguem a tragédia enquanto acontecimento marcado por sofrimento e destruição da tragédia enquanto representação destinada a despertar consciência e estimular ações preventivas. Essa distinção permite compreender a importância política da dramaturgia grega, especialmente diante dos perigos associados à húbris, entendida como arrogância ou excesso, e à complacência, caracterizada pela incapacidade de reconhecer ameaças e agir oportunamente.

Em Os Persas, Ésquilo apresenta uma advertência sobre os riscos da arrogância estratégica. Embora a peça tenha sido produzida após a vitória grega em Salamina, sua representação da derrota persa também oferecia aos atenienses uma reflexão sobre os perigos do excesso de confiança. As tragédias de Eurípides, por sua vez, exploravam o sacrifício, a responsabilidade coletiva e os dilemas morais da comunidade política. A análise de Tucídides complementa essa interpretação ao demonstrar 1 como Atenas acabou sucumbindo às consequências de suas próprias decisões estratégicas.

O segundo capítulo examina a recorrência histórica dos colapsos da ordem internacional. Da Guerra do Peloponeso às guerras mundiais do século XX, os autores demonstram que períodos aparentemente estáveis podem ser interrompidos por conflitos devastadores. A Guerra dos Trinta Anos provocou perdas demográficas extraordinárias no Sacro Império Romano-Germânico, enquanto a Segunda Guerra Mundial resultou na morte de dezenas de milhões de pessoas. Esses acontecimentos revelam que sociedades e dirigentes frequentemente interpretam períodos de relativa estabilidade como evidência de que grandes catástrofes pertencem definitivamente ao passado.

No terceiro capítulo, os autores argumentam que a memória das grandes tragédias também desempenhou papel fundamental na construção de ordens internacionais relativamente duradouras. A Paz de Vestfália e o Concerto Europeu são apresentados como experiências nas quais o equilíbrio de poder e a existência de normas compartilhadas contribuíram para limitar conflitos de maior amplitude. O período entreguerras, por outro lado, demonstra como a memória da violência também pode produzir efeitos contraditórios. O trauma da Primeira Guerra Mundial contribuiu para políticas de apaziguamento e hesitação diante da expansão das potências revisionistas. A experiência trágica não conduz necessariamente à prudência: pode estimular tanto a prevenção quanto a paralisia.

O quarto capítulo concentra-se na ordem internacional estabelecida sob liderança dos Estados Unidos após 1945. Para Brands e Edel, a experiência da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial influenciou decisivamente a construção de um sistema fundamentado na abertura económica, em alianças permanentes, em instituições multilaterais e na promoção da democracia. Os Estados Unidos passaram a exercer função central na sustentação desse arranjo, combinando capacidades materiais, compromissos estratégicos e participação institucional. A estabilidade relativa alcançada nas décadas posteriores não resultou de um processo espontâneo, mas de decisões políticas e investimentos contínuos.

O próprio êxito dessa ordem teria contribuído para enfraquecer a percepção dos riscos que justificaram sua construção, paradoxo abordado no quinto capítulo. Com o encerramento da Guerra Fria, a ordem liderada pelos Estados Unidos passou a ser percebida como uma realidade consolidada. A diminuição da percepção de ameaças favoreceu questionamentos sobre os custos políticos, económicos e militares necessários à sua manutenção. A ausência de grandes confrontos entre potências teria produzido uma perigosa sensação de segurança.

No sexto capítulo, Brands e Edel analisam as transformações da distribuição internacional de poder. A ascensão económica e militar da China, o revisionismo estratégico russo, a atuação regional do Irã e os sinais de enfraquecimento democrático são apresentados como manifestações de um ambiente internacional progressivamente mais competitivo. A diminuição relativa da participação dos Estados Unidos e de seus aliados nos indicadores globais de poder reforçaria a necessidade de recuperar uma compreensão realista das condições de preservação da ordem.

O sétimo capítulo apresenta a principal contribuição normativa do livro: a recuperação de uma sensibilidade trágica aplicada à política internacional. Essa disposição envolve reconhecer a recorrência histórica das catástrofes, identificar ameaças emergentes, rejeitar a complacência sem sucumbir ao fatalismo, aceitar a necessidade de ação coletiva, agir preventivamente e preservar os princípios de proporcionalidade e contenção. Desenvolver uma sensibilidade trágica não significa 2 aceitar passivamente a inevitabilidade das tragédias (Brands; Edel, 2019, p. 145), mas compreender os riscos da ação política para reduzir consequências destrutivas.

A principal contribuição intelectual da obra reside na transformação da tragédia grega em categoria analítica aplicável à política internacional. A tragédia deixa de constituir apenas referência literária ou recurso retórico e passa a oferecer instrumentos para interpretar os limites da ação humana, os perigos do excesso de confiança e a importância da prudência estratégica. O livro estabelece um diálogo fecundo entre estudos clássicos, história diplomática, teoria política e estudos estratégicos.

Outro mérito encontra-se na concepção de história apresentada pelos autores. Ao compreender a experiência histórica como uma forma indireta de aprendizagem, Brands e Edel defendem que o estudo das catástrofes permite às sociedades reconhecer riscos sem necessariamente reproduzir os mesmos erros. A história não oferece receitas infalíveis, mas amplia o repertório de experiências disponíveis para orientar decisões políticas. Essa perspectiva é relevante para as Relações Internacionais, disciplina marcada pela tensão entre regularidades históricas e particularidades conjunturais.

Do ponto de vista teórico, a obra articula elementos associados à tradição realista com uma valorização das normas e instituições internacionais. O equilíbrio de poder aparece como condição necessária à estabilidade, mas não suficiente para assegurar a permanência de determinada ordem. Instituições, compromissos políticos e legitimidade também desempenham funções relevantes. Contudo, essa articulação revela uma questão que merece maior problematização: em que medida a defesa da ordem internacional apresentada pelos autores corresponde à preservação de princípios amplamente compartilhados e em que medida representa a manutenção da primazia estratégica dos Estados Unidos?

A distinção é fundamental. A ordem internacional estabelecida após 1945 contribuiu para institucionalizar mecanismos de cooperação, expandir relações económicas e construir instrumentos multilaterais. Entretanto, conviveu com intervenções militares, disputas de influência, assimetrias económicas e diferentes formas de subordinação política. A estabilidade de determinada ordem não significa, necessariamente, que seus benefícios e custos sejam distribuídos de maneira equilibrada entre os Estados.

Essa questão torna-se especialmente relevante quando examinada a partir das experiências históricas do Sul Global. Para numerosas sociedades africanas, asiáticas e latino-americanas, o período posterior à Segunda Guerra Mundial também foi marcado por descolonização, conflitos internos, intervenções estrangeiras e disputas

relacionadas à soberania e à autonomia estratégica. A preservação da ordem pode assumir significados distintos conforme a posição ocupada pelos Estados na estrutura internacional.

Para uma potência hegemónica, preservar a ordem pode significar garantir a continuidade de instituições e compromissos estratégicos que sustentam sua liderança. Para países periféricos ou semiperiféricos, a mesma ordem pode representar oportunidades de cooperação e limitações à autonomia política e económica. Essa tensão não invalida o argumento de Brands e Edel, mas evidencia os limites de uma interpretação predominantemente orientada pela experiência estratégica norte-americana.

Uma compreensão mais abrangente da tragédia na política internacional precisa considerar os custos humanos e sociais produzidos pela manutenção de determinadas hierarquias de poder. A 3 sensibilidade trágica defendida pelos autores poderia ser ampliada para incluir não apenas os riscos associados ao colapso da ordem, mas também as consequências de sua preservação quando reproduz desigualdades e relações assimétricas.

Outra questão relevante envolve a relação entre memória histórica e decisão política. Embora os autores demonstrem a importância de aprender com o passado, a história não oferece correspondências automáticas entre acontecimentos separados por diferentes contextos políticos, tecnológicos e institucionais. Analogias históricas podem esclarecer problemas contemporâneos, mas também produzir interpretações equivocadas quando utilizadas de maneira excessivamente simplificadora. A prudência estratégica exige recordar as tragédias anteriores e reconhecer os limites das comparações históricas.

Também merece reconhecimento a capacidade dos autores de evitar uma defesa irrestrita da ação militar. Ao enfatizarem contenção e proporcionalidade, Brands e Edel procuram distinguir prudência estratégica tanto da passividade quanto do intervencionismo excessivo. A crítica à complacência não se transforma,

necessariamente, em defesa da utilização indiscriminada da força. A obra reconhece custos e equívocos de determinadas decisões da política externa norte-americana. Essa dimensão aproxima a reflexão dos autores da tradição clássica segundo a qual a arrogância constitui perigo tão significativo quanto a incapacidade de agir.

A atualidade do livro merece destaque. Publicado em 2019, The Lessons of Tragedy identificou tendências que adquiriram maior visibilidade nos anos seguintes, especialmente a competição entre grandes potências, as dificuldades das democracias e as tensões entre Rússia e Ocidente. A invasão russa da Ucrânia, em 2022, conferiu renovada importância ao debate sobre a fragilidade da paz europeia, os limites da dissuasão e a permanência da guerra como instrumento da política internacional. A atualidade da obra, contudo, não comprova automaticamente todas as conclusões estratégicas de seus autores.

Em síntese, The Lessons of Tragedy: Statecraft and World Order constitui uma obra relevante para compreender a relação entre memória histórica, prudência política e organização do sistema internacional. Sua principal contribuição consiste em demonstrar que paz, estabilidade e prosperidade não devem ser compreendidas como conquistas irreversíveis. São resultados históricos contingentes, dependentes de decisões políticas, capacidades materiais, compromissos institucionais e permanente disposição para reconhecer ameaças.

Ao mesmo tempo, uma leitura crítica exige reconhecer que a ordem internacional não constitui uma realidade neutra, mas construção histórica atravessada por interesses, hierarquias e disputas de poder. A tragédia não decorre exclusivamente da incapacidade de preservar uma ordem existente: também pode resultar dos excessos cometidos em sua defesa. A prudência política exige reconhecer tanto os perigos da omissão quanto os riscos da ação desmedida.

Ao recuperar a tradição trágica grega e relacioná-la aos dilemas contemporâneos da política internacional, Brands e Edel oferecem contribuição estimulante para estudantes e pesquisadores de Relações Internacionais, História, Ciência Política e

Estudos Estratégicos. Mais do que apresentar respostas definitivas, o livro convida a compreender que a experiência histórica permanece indispensável à reflexão sobre o presente. Afinal, a história não elimina a possibilidade de novas tragédias, mas pode oferecer instrumentos intelectuais para reconhecer seus sinais e evitar que os erros 4 do passado sejam reproduzidos.

Autoria

1 Gabriela Graef

Graduanda em Relações Internacionais; Integrante da Diretoria de Comunicação do Programa de Extensão Juca nas Escolas
https://orcid.org/0009-0000-1771-4147 • gabriela.graef@acad.ufsm.br

2 José Renato Ferraz da Silveira

Licenciado em História na Universidade Luterana do Brasil; Especialização em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor
https://orcid.org/0000-0001-7751-7583 • jreferraz@hotmail.com

Como citar este artigo

GRAEF, G.; SILVEIRA, J. R. F. As lições da tragédia: história, prudência e ordem internacional. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 3, e99832, p. 1-9, 2026. DOI 10.5902/2357797599832. Disponível em: https://dx.doi.org/10.5902/2357797599832. Acesso em: dia mês abreviado. ano.